

fábula, cumpre decifrar seu(s) mistério(s). E, decodificar sua alma. Assim, talvez, contrariando o poeta, possamos recuperar o equilíbrio do(s) amor(es) à primeira vista. Menos fugaz(es). Menos perigoso(s).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Gustave Le Bon

- LE BON, Gustave. *Les lois psychologiques de l'évolution des peuples*. Paris: Félix Alcan, 1894.  
 \_\_\_\_\_. *Psychologie des foules*. Paris: Félix Alcan, 1895. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.  
 \_\_\_\_\_. *Psychologie du socialisme*. Paris: Flammarion, 1896.  
 \_\_\_\_\_. *Psychologie politique*. Paris: Flammarion, 1910.  
 \_\_\_\_\_. *La Révolution française et la psychologie des révolutions*. Paris: Flammarion, 1912.  
 \_\_\_\_\_. *Psychologie des temps modernes*. Paris: Flammarion, 1920.  
 \_\_\_\_\_. *Recherches scientifiques d'une philosophie de l'histoire*. Paris: Flammarion, 1930.

Outras obras e textos

- ARENDEI, Hannah. *Der reinigung*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1988.  
 BRESCIANI, Maria Stella. Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Rev. bras. de hist.*, São Paulo, v.5, n.8/9, p. 35-68, set 1984/abr. 1985.  
 CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses - à Paris, pendant la première moitié de XIXe siècle*. Paris: Ub. Générale Française, 1978.  
 COCTAVRT, Dominique. As multidões e a Comunar: análise dos primeiros escritos sobre psicologia das multidões. *Rev. Bras. de História*, São Paulo, v.10, n.20, p. 113-28, mar./ago. 1991.  
 LE BON - un prophète de l'anul-socialisme. *Le Figaro Magazine*, 12 dez. 1981, p. 15.  
 MOSCOVICA, Fayard. L'âge des foules. Paris: Fayard, 1981.  
 NYE, Robert. Two paths to a psychology of social action: Gustave Le Bon and Georges Sorel. *The Journal of Modern History*, v.45, n.3, p. 441-438, set 1973.  
 PIERRE DUVERGER. Il a voué son existence à sauver un penseur maudit. *Le Figaro Magazine*, 28 abr. 1984, p. 52.  
 RIETOUF de la psychologie des foules. *Le Monde*, 06 nov. 1981, p. 7. M. Conat.  
 ROUVIER Catherine. *Les idées politiques de Gustave Le Bon*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

Conclui-se a edição da WEPRE, 1993.

## A Noção De Sistema Em Ferdinand De Saussure

José Luiz Mercer

### Introdução

A presença de Ferdinand de Saussure no cenário destes encontros multidisciplinares de humanidades encontra sua justificativa mais forte no fato de que foi esse suíço genial que, na virada do século, fundou a Linguística moderna, dando-lhe as bases teóricas que lhe permitiram notáveis avanços. E foi graças a esses progressos que a Linguística se elevaria à condição de ciência-piloto das ciências humanas ao longo dos anos 50 e 60, não cessando de ser, desde então, um marco obrigatório para antropólogos e psicólogos, sociólogos e historiadores, estetas e filósofos.

A contribuição mais extensiva de Saussure para com as ciências humanas foi certamente a postulação de uma ciência geral dos signos e dos sistemas de signos, a *Semiologia*. Esta disciplina viña fornecer o quadro formal para o estudo do homem enquanto "animal simbólico", ao mesmo tempo que estabeleceria um ponto de convergência para indagações que brotavam em diversos domínios, da Filosofia à Teoria da Comunicação.

No campo específico da Linguística, Saussure realizou reflexão de impressionante lucidez sobre a natureza da linguagem e das línguas, que conduziria a uma verdadeira revolução copernicana. <sup>1</sup> A Linguística

do século XIX havia se dedicado inteiramente aos estudos históricos. Começara por descobrir que as línguas podiam ser parentes entre si em razão de uma origem comum; em seguida, pesquisou a evolução histórica de um grande número de línguas, com procedimentos cada vez mais refinados, a ponto de em pouco tempo desenvolver técnicas de reconstrução interna de estágios não-documentados. Foi simplesmente prodigiosa a soma de conhecimentos carreados, em menos de 90 anos, sobre a história das línguas.

Apesar do sucesso retumbante da Linguística Histórica - que levava um de seus brilhantes cultores a dizer que "o único estudo científico da linguagem é o método histórico"<sup>1</sup>, Saussure não hesitará em inventar a perspectiva, advogando a prioridade dos estudos sincrônicos sobre a abordagem diacrônica em vista da natureza sistêmica das línguas. Como se a atmosfera intelectual da época lhe tivesse preparado o terreno, a ideia de Saussure não tardou a impor-se, graças sobretudo aos linguistas eslavos que formaram, na década de 20, o chamado Circulo ou Escola Linguística de Praga.

Escolhemos como tema de reflexão um dos motivos conceituais dessa revolução saussuriana, a noção de sistema, à qual estaria reservada grande fortuna acadêmica, tanto na Linguística como em outros domínios, muitas vezes sob o nome de *estruturismo*.

Antes, porém, é conveniente dar uma breve notícia biográfica sobre Ferdinand de Saussure, de modo a situá-lo em seu tempo.

### O Homem e Sua Obra

Saussure nasceu em Genebra em 1857, filho de uma família abastada, com grande tradição no campo das ciências naturais. Seu pai era um eminente naturalista. Foi iniciado precocemente aos estudos linguísticos por Adolphe Pictet, filólogo e amigo da família, vindo a aprender o grego e o sânscrito ainda no liceu.

Em 1875, Saussure ingressou na Universidade de Genebra, mas como aluno de Física e Química, embora continuasse a seguir cursos de gramática grega e latina. Rendendo-se ao preceito pela Linguística, transferiu-se no ano seguinte para Leipzig, que era então a capital

<sup>1</sup> MOUJIN (1976), p. 29.

<sup>2</sup> PAUL, Hermann, *op. cit.* MOUJIN (1971), p. 37.

mundial de uma nova Linguística Histórica. Ali trabalhava um grupo de linguistas que acreditavam estar revolucionando a Linguística Histórica ao estabelecerem que as alterações sofridas pelas línguas ao longo do tempo se baseiam em leis fixas, que não variam senão por força de outras leis. Esses linguistas se orgulhavam do epíteto pejorativo que lhes lançaram seus adversários - *Junggrammatiker* ("jovens Gramáticos" ou "Neogramáticos"); por alusão aos "jovens Turcos".

Saussure permaneceu quatro anos em Leipzig. Em 1877, ainda com 20 anos incompletos, faz uma notável comunicação à Société de Linguistique de Paris sobre os fal do indoeuropeu. No fim do ano seguinte, conclui o *Mémoire sur le Système primitif des Voyelles dans les Langues Indoeuropéennes*, com o qual granjeia imediata notoriedade. Um ano depois, apresenta sua tese de doutorado, *De l'Épithète du Génitif Absolu em Sanscrit*, que, segundo Culler,<sup>3</sup> foi considerada "o mais esplêndido trabalho de filologia comparada já escrito".

A esse período alemão segue um período parisiense, que se inicia em 1880. Acompanha durante um ano as aulas do fundador da semântica, Michel Bréal, o qual, já em 1881, lhe oferece seu próprio cargo, o de conferencista de gramática comparada na École Pratique des Hautes Études. Em Paris, Saussure leva intensa vida acadêmica: relaciona-se com todos aqueles que eram então jovens ou futuros linguistas, chega a secretário-adjunto da Société de Linguistique e publica quase todos os anos notas e memórias importantes.

Em 1891, retorna a Genebra para assumir a cátedra de História e Comparação de Línguas Indoeuropéias. Casa-se, tem dois filhos e abandona-se no que Culler chamou "uma decente obscuridade provincialiana".<sup>4</sup> Publica cada vez menos até chegar a um silêncio quase absoluto a partir de 1894. No últimos anos de vida, é encarregado de ensinar Linguística Geral, de que ministrará três cursos: 1907, 1908-1909 e 1910-1911. No verão de 1912 manifestou-se um câncer de garganta, que o levou à morte em fevereiro de 1913, aos 56 anos de idade.

Após sua morte, discípulos e colegas seus decidiram preservar seu trabalho no campo da Linguística Geral reunindo as notas de aulas de Saussure e os apontamentos dos alunos, que enfilexaram num volume intitulado *Cours de Linguistique Générale*, publicado em 1916. Os organizadores do volume foram Charles Bally e Albert Secluchay, que,

<sup>3</sup> CULLER 1979, p. 8.

<sup>4</sup> *Id.*, 1979, p. 9.

em vez de simplesmente organizarem as notas dos três cursos, tornaram a audaciosa decisão de unificá-las compondo uma síntese.

### A Noção De Sistema

Na concepção saussuriana de linguagem ocupa lugar central o conceito de *sistema*. Embora não tenha sido quem introduziu nem a palavra, nem a noção de sistema em Lingüística, coube a Saussure o mérito inquestionável, como diz Mounin,<sup>5</sup> de transformar um "termo essencialmente descritivo e quase metafórico" em um "termo *operativo*".

Para Saussure, o sistema lingüístico é um conjunto abstrato de elementos organizados segundo uma ordem própria, que os define de forma positiva e negativa. Procuraremos em seguida esclarecer essa definição, mostrando, inicialmente, suas ligações com outros conceitos-chave de Saussure, como os de *arbitrariedade do signo lingüístico*, *forma e substância*, *unidade lingüística*, *oposição e valor*, *sincronia e diacronia*, para, num segundo momento, indicar as limitações mais evidentes desse conceito no próprio campo lingüístico.

#### O sistema é um conjunto ordenado e abstrato

A idéia de que a língua é uma organização regular remonta às mais antigas especulações gregas acerca da natureza da linguagem e sempre esteve na base dos estudos que constituem a chamada tradição gramatical ocidental, de que as gramáticas escolares são a manifestação mais conhecida. No mundo grego, estabeleceu-se a partir do séc. II a. C. até mesmo uma polêmica sobre a extensão da regularidade na organização da língua, opondo *analogistas* a *anomalistas*, defendendo o princípio da regularidade os primeiros, e o da irregularidade os últimos.

Saussure, que entendia a língua como um sistema de sistemas, consagra a primeira de suas famosas dicotomias à distinção entre *langue* e *parole* (*língua* e *fala*), separando ao mesmo tempo o que é potencial e social do que é atual e individual. A *langue* - na forma de qualquer língua particular - é "um produto social da faculdade da linguagem"

<sup>5</sup> MOUNIN (1971), p. 51.

(CLG, p. 25, 27),<sup>6</sup> uma verdadeira instituição que, em si mesma, é puramente imaterial, na medida em que não apresenta existência física, mas que se manifesta no indivíduo pelos atos de *fala*. Ao mesmo tempo que é um código que subjaz aos enunciados produzidos ou percebidos pelo falante, a língua é a "crystalização social" (CLG, p. 29) da fala, ou ainda, como define o próprio Saussure, "trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo" (CLG, p. 30).

#### O sistema é ordenado segundo um princípio próprio

Em Saussure, a idéia de que o sistema da língua é organizado por uma ordem própria repousa fundamentalmente no princípio da arbitrariedade do signo lingüístico e na postulação de que a língua é forma e não substância. Começemos por recapitular brevemente a questão da natureza do signo lingüístico.

Em trabalho dedicado à história do estruturalismo em Lingüística,<sup>7</sup> Oswald Ducrot faz ver que até fins do século XIX os filólogos definiam a língua como a expressão de pensamento, entendendo por aí que a organização da língua refletia a ordem do pensamento. Nessa postura estava implícita, portanto, a "recusa de reconhecer uma organização lingüística que não seja racionalmente motivada. A única ordem possível entre as palavras é a ordem das coisas, e todo resto é desordenado."<sup>8</sup>

Essa concepção especular da linguagem só fazia exceção ao vocábulo. A idéia de que a forma e o conteúdo do vocábulo estão associados por mera convenção era, senão inteiramente admitida, ao menos cogitada desde venerável antiguidade. Na tradição ocidental, o mais antigo documento sobre indagação a respeito da natureza da linguagem é o diálogo *Crátilo*, de Platão, que se ocupa justamente da discussão sobre o caráter convencional ou natural das palavras. Essa

<sup>6</sup> As citações de Saussure são retiradas do *Cours de Linguistique Générale*, que abreviamos para CLG. As páginas indicadas são as da edição crítica preparada por Tullio de Mauro (Paris Payot, 1978) e a tradução é a da versão brasileira editada pela Cultrix, de São Paulo.

<sup>7</sup> DUCROT 1970.

<sup>8</sup> id., 1970, p. 30.

polêmica entre convencionalistas e naturalistas estaria fadada a cruzar os séculos, assumindo diversas feições, uma das quais foi a contenda entre anomalistas e analogistas.

Evidentemente, desde há muito não paira dúvida sobre o caráter puramente convencional da união da forma e do conteúdo de um vocábulo. A utilização da seqüência de fonemas *árvore* para designar o conteúdo "árvore" atende a simples convenção passada entre os falantes da língua portuguesa, não havendo uma relação natural íntima que determine seja a forma *árvore* a única a poder evocar o significado de "árvore". A prova mais evidente disso é a diversidade das línguas: fosse natural a união entre forma e conteúdo e todas as línguas teriam o mesmo léxico.

Assim, ao apresentar o princípio da arbitrariedade do signo verbal, Saussure começa por mostrar que ele é geralmente aceito, para em seguida advenir que tem sido mal explorado:

O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. O princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua: suas conseqüências são inúmeras. É verdade que nem todas aparecem à primeira vista, com igual evidência; surtem-se ao cabo de várias voltas e que as descobrimos e, com elas, a importância do princípio. (CLG, p. 100)

O princípio da arbitrariedade do signo linguístico desdobra-se em três faces. A primeira é a que conjuga significante e significado. Como já vimos, o significante atribuído ao significado é *imóvel*, isto é, não há motivo natural para que seja ele de preferência a outro, senão uma razão externa, a convenção, que, como ressalta Saussure, não deixa escolha ao falante. Se a arbitrariedade se resumisse a isso, as línguas seriam meras nomenclaturas, que divergiriam apenas na escolha dos significantes a atribuir aos significados, que seriam os mesmos em todos os idiomas. Ora, qualquer um que tenha experiência de tradução sabe que também os significados variam de uma língua a outra, como se pode exemplificar com os vocábulos franceses *rivière* e *fluvium*, que fazem uma distinção inexistente em português: no que deságua em outro rio e rio que desemboca no mar. As línguas não recorrem a realidade da mesma maneira. O recorre do mundo é feito segundo contingências culturais e históricas da comunidade, e não segundo princípios naturais e universais. Isto constitui o segundo desdobramento do princípio da arbitrariedade: os significados de uma língua são arbitrários em relação ao mundo. O terceiro princípio é o correlato do segundo no plano do

significante: a organização fônica da língua é arbitrária em relação à massa sonora, como o comprova o fato de as línguas poderem ser expressas também pela escrita. Vamos examinar mais de perto essas duas faces da arbitrariedade colocando-as à luz da consideração de que a língua é forma, e não substância.

A ordem constitutiva do signo não provém nem dos sons nem dos pensamentos. Nem poderia. Segundo Saussure, sons e pensamentos são massas amorfas, que, ao contrário, são organizadas justamente pela língua, que é um princípio de classificação. Essas massas são as substâncias sobre as quais se aplica o molde da língua, que é forma. Saussure procura esclarecer a oposição entre forma e substância recorrendo a uma comparação com o jogo de xadrez:

A língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria. Uma comparação com o jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno: o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e as regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a "gramática" do jogo. Não é menos verdade que certa alteração se faz necessária para estabelecer distâncias desta espécie. Assim, em cada caso, formular-se-á a questão da natureza do fenómeno, e para resolvê-la, observar-se-á esta regra: é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau. (CLG, p. 43)

As substâncias representam os pontos inicial e terminal dos atos de fala: o falante tem idéias que quer transmitir a seu ouvinte, que só pode ser alcançado pelos sons. O ouvinte, de sua parte, ao captar a cadeia sonora, deve retirar dela as idéias. A língua é um sistema puramente formal que se interpõe entre idéias e sons e permite a passagem de um a outro. É nesse sentido que a língua é código: estabelece correspondências entre sons e idéias. Ora, o que Saussure vem mostrar de forma muito enfática é que as idéias e os sons, como tais, não fazem parte da língua, que se define como sendo apenas esse aparelho formal de correspondências: "A Linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam, esta combinação produz uma forma, não uma substância." (CLG, p. 157)

Essas correspondências se efetuam por complexas linhas de conversão e supõem recortes tanto na massa conceptual quanto na massa sonora. Se essas massas são entidades contínuas, será necessário que o próprio código se ocupe em recortá-las. A língua fará os recortes e os colocará em correspondência. Se entendemos por recorte não a

porção de substância delimitada pela língua, mas apenas as diferenças que a língua selecionou para distinguir essa porção das demais, então podemos dizer que a língua é forma porque é apenas um conjunto de recortes colocados em correspondência.

O sistema é um conjunto de elementos definidos de forma opositiva e negativa

Como tanto os significantes quanto os significados resultam de recortes arbitrários efetuados sobre um *continuum*, segue-se que eles não são entidades autônomas, definidas por uma essência própria. Esses elementos se integram num sistema onde se definem por suas relações reciprocas. Voltando ao exemplo do francês *fleuve e rivière*, não se estará definindo suficientemente o significado de *fleuve* tanto quanto ele não seja confrontado com o de *rivière*, e este com o de *ruisseau* e assim por diante, até esgotar as designações de cursos d'água.

Os elementos se relacionam no interior do sistema pelas suas semelhanças e se opõem por suas diferenças. Isto é, não se definem por si, mas por relações de contraste com os demais membros do sistema. A rigor, poder-se-ia dizer que um elemento é o conjunto das diferenças que mantém com cada um e todos os outros elementos. Os linguistas costumam empregar a expressão "feixe de traços distintivos". O elemento de que o valor das unidades linguísticas depende das suas relações reciprocas é assim expresso por Saussure:

Em todos esses casos, pois, surpreendemos, em lugar de idéias dadas de antemão, *valores* que emergem do sistema. Quando se diz que os valores são positivos, subentendem-se que são puramente diferentes por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (CLG, p. 162)

Qual é a cor do gato *linda*? Qualquer cor, desde que não seja uma daquelas para as quais temos nomes específicos, como o preto, o branco, o cinzento, etc. A cor parda cobre toda a extensão cromática o branco, o cinzento, etc.

O princípio da oposição tem por corolário o princípio da identidade, segundo o qual dois elementos linguísticos serão idênticos para a língua, se as diferenças que os distinguem não tiverem sido

seleccionadas por essa língua. Seja exemplo disso a realização do fonema /R/, que, em Curitiba, pode dar-se por pelo menos quatro sons diferentes: [r], [r̄], [x] e [ʀ]. As diferenças de substância fonica que separaram essas variantes não são distintivas: a a palavra *carro* pronunciada com qualquer desses erres terá sempre o mesmo significado e jamais se confundirá com outro vocábulo como, por exemplo, *carro*, cujo fonema intervocálico se opõe às duas primeiras variantes de /R/ por não ser vibrante e às duas últimas por não ser posterior.

O sistema das unidades linguísticas consiste, portanto, numa rede de oposições em que os nós são as unidades. O lugar ocupado pela unidade no seio do sistema é o que Saussure chama o seu *valor*, noção que não seria exclusiva da linguagem, podendo-se encontrar exatamente a mesma em outros domínios, como o da economia, à qual recorre para a sua explicação:

Os valores são sempre constituídos:  
1º por uma coisa *dessembelhante*, susceptível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar.  
2º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa.

Esses dois fatores são necessários para a existência de um valor. Desse modo, para determinar o que vale a moeda de cinco francos, sempre sobtrair 1,0 diferente, por exemplo, pão, 2,0 que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema, por exemplo, uma moeda de um franco, ou uma moeda de algum outro sistema (um dólar, etc.). Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo *dessembelhante*: uma *idéia*, além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma *idéia*, além palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser "trocada" por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conceito só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dele: fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente. (CLG, p. 159-60)

A noção de valor poderá ser melhor compreendida a partir de alguns exemplos. Valha ainda uma vez o jogo de xadrez: se um cavalo for extraviado, podemos substituir essa peça por outra, não sendo necessário sequer semelhança com a peça perdida para ser declarada idêntica, desde que tenha o mesmo valor. Identidade funcional, portanto, se confunde com valor, e inversamente. No dialeto curitibano, em tempos recentes se deu a substituição do vocábulo *dolé* por *micolé*, um

emprestimo feito ao eixo Rio-São Paulo. O substituto ficou não só com o mesmo significado, mas também com o mesmo valor lexical do vocábulo substituído. Por outro lado, uma semelhança semântica ou fônica não assegura o mesmo valor: o português *porco* e o inglês *pork*, embora de significados bastante próximos, não têm o mesmo valor, porque o inglês opte *pork* a *pig*, o animal vivo, que em português é abrangido pelo mesmo vocábulo *porco*. O fonema português /v/ não tem o mesmo valor que o correspondente espanhol /b/ porque nesta língua /v/ se opte a /bch/, o que não ocorre em português. Como se vê, as línguas, por serem sistemas distintos, não admitem que se igualem suas unidades correspondentes.

O fato de o sistema ser uma rede de interdependências - *un système ou fortis seient*, diz Saussure - vai colocar a Linguística em uma situação peculiar. Diferentemente do que ocorre em outros domínios da Ciência, onde a questão das unidades sequer se coloca porque elas são dadas imediatamente - na Zoologia, o animal é uma noção evidente desde logo -, o linguista inicia seu trabalho justamente pela determinação das unidades no interior do sistema. A tarefa é uma das mais difíceis, justamente porque, na sua delimitação, não se pode recorrer a nenhuma ordem exterior ao sistema. O que torna o trabalho ainda mais complexo é que não é possível determinar as unidades para em seguida averiguar as relações que mantêm entre si e desse modo delinear o sistema. Como as unidades se definem no interior do sistema, determiná-las é o mesmo que determinar o sistema em que se integram. O problema é colocado da seguinte forma por Ducrot:

O sistema linguístico, para Saussure, não é construído pela reunião de elementos pré-existentis; não se trata de ordenar um inventário dado em desordem, de ajustar as peças de um quebra-cabeças. A descoberta dos elementos e a do sistema constituem uma única tarefa. (DUCROT 1970, p. 66)

## Conseqüências Teóricas E Metodológicas Da Noção De Sistema

A concepção sistêmica da língua veio opor Saussure a dois aspectos que caracterizaram a Linguística praticada no século XIX. O primeiro consistia na perspectiva atomística, que cuidava de acompanhar a

evolução de um elemento ao longo do tempo, isolado do sistema, ao passo que o segundo estava na preferência pela abordagem histórica das línguas. Se o sentido da contraposição é evidente no primeiro aspecto, já o segundo exige melhor exame.

As línguas estão submetidas à ação do tempo. Elas não se alterando ao fio dos dias, de forma gradual mas inexorável, e as pequenas alterações acumuladas ao fim de dois ou três séculos acabam formando massa impressionante, como comprovamos à satisfação cada vez que abrimos livros compostos séculos atrás, como *Os Lusíadas*.

A comunidade dos falantes, no entanto, é quase insensível à evolução de sua língua. Não fosse pela escrita e pelo contraste com o vocabulário das gerações mais velhas, o comum dos falantes não teria a menor consciência de que a língua muda ao longo do tempo. E nenhum inconveniente decorre dessa inconsciência, já que a língua forma um sistema completo e autônomo a cada momento. "A língua constitui um sistema de valores puros que não é determinada por nada além do estado momentâneo de seus termos." (CLG, p. 116) Para ilustrar essa autonomia funcional do sistema em relação ao estado anterior, Saussure recorre de novo ao jogo de xadrez. Durante a partida, a disposição das peças vai mudando a cada lance. Os jogadores e os que assistem à partida desde o começo podem ter memória da sucessão de lances que determinou a situação atual do tabuleiro, mas essa lembrança não é necessária para entender as possibilidades presentes de cada jogador nem para decidir o encaminhamento da partida. A partida é uma sucessão de estados presentes que, embora resultantes em sua feição do que se passou antes, são inteligíveis de por si, o que permite que se possa interrompê-la a qualquer momento e retomá-la a qualquer instante.

Como o sistema é o conjunto das relações entre seus termos, a menor alteração que se faça nessa rede determina o fim de um sistema e o surgimento de outro, de modo que a evolução da língua é uma sucessão de sistemas. Essa compreensão conduz a duas conclusões maiores. A primeira está em que a Linguística pode abordar a língua segundo duas perspectivas distintas: ou a língua é estudada como conjunto de fatos simultâneos, isto é, como *sistema*, ou é examinada como uma sucessão de fatos. Saussure chamou à primeira perspectiva sincrônica e perspectiva diacrônica à segunda. Essa dualidade, embora em outros termos, não constituía nenhuma novidade. Afinal um século inteiro fora consagrado à Linguística Histórica e nada era mais claro do que esse caráter radicalmente histórico da língua. A novidade vinha

justamente nos termos saussurianos: a língua, na sincronia, é um sistema, mas não na diacronia. Ora, esses termos determinam que o sistema pode ser cabalmente descrito sem apelo à diacronia, mas esta não pode ser estudada senão como a passagem de um sistema a outro. Assim, o estudo da sincronia não supõe o da diacronia, mas o da diacronia exige o estudo prévio da sincronia. Em uma palavra, os estudos sincrônicos têm prioridade metodológica sobre os estudos diacrônicos. Esta é a segunda conclusão que se retira da relação entre sistema e tempo e que está na base do que há pouco se chamou a revolução copernicana operada por Saussure, ao inverter diametralmente as prioridades.

A rigor, os linguistas do século XIX nunca elegeram o estudo histórico como uma prioridade, no sentido de que tinham argumentos para dar preferência à abordagem diacrônica sobre a sincrônica. Arrisco dizer que optaram pela perspectiva histórica por um simples gosto da época. No século XIX, a Ciência - como a arte romântica - foi historicista historicismo quando, por uma sorte do destino, o sânscrito foi redescoberto e seu estudo veio a dar um impulso extraordinário a uma pesquisa comparatista que já se desenhava desde o século anterior.

Quando Hermann Paul disse que só o estudo histórico das línguas era científico, estava dizendo verdade inquestionável: o século XIX não tinha bases científicas para a abordagem sincrônica. É aí que reside o grande mérito de Saussure: ele veio lançar os fundamentos teóricos da linguística sincrônica como também os da linguística diacrônica. Como o próprio Saussure dizia explicitamente, os linguistas trabalhavam sem ter clareza do que estavam de fato fazendo.

Apesar da inegável contribuição que representou, a noção de sistema é potencialmente sobre tudo no que concerne às suas relações com a mudança linguística, com a história. É que o sistema, por definição, não muda. Como já tivemos oportunidade de constatar, quando se introduz uma alteração no sistema, este, como tal sistema que era, desaparece e dá lugar imediatamente a um novo sistema. Como o amor para Virgílius de Morais, é eterno enquanto dura.

Sempre se poderia dizer que é a língua que é histórica, é ela que muda e que é exatamente o seu caráter sistêmico que lhe permite mudar sistematicamente sua organização. O contra-argumento contra a língua também não muda, o que significa que, a cada alteração de sistema, se está diante de uma nova língua. Colocada a questão nestes

termos, ela é puramente terminológica. Trata-se de resolver o paradoxo que se cria ao designar duas coisas distintas com o mesmo nome: cada sistema sucessivo é uma língua e a sucessão de sistemas é uma mesma língua. Se, por exemplo, chamássamos língua a cada sistema e reservássamos o termo idioma para a sucessão histórica de sistemas, desaparecería de pronto o paradoxo. Aliás, esse aparente paradoxo existe em vários outros contextos: não fora pelas células nervosas, que não se reproduzem e se mantêm as mesmas (com perdas, é certo), e se poderia dizer que o corpo de uma pessoa não permanece o mesmo ao longo de sua vida, embora ela continue ela mesma, sem perda de identidade social. É que a sucessão no tempo é aprendida como uma permanência. Outro exemplo: diz-se que esta Universidade é a mesma que foi fundada em 1912 por Viçor do Amaral e Nilo Cairo, da qual, porém, não restou rigorosamente nada - nome, condição jurídica, ordenamento interno, quadros docente, discente e técnico-administrativo, currículos, sede. Apesar disso, entende-se que a instituição é a mesma.

Mas não é necessária a intervenção do tempo para que o caráter sistêmico multiplique as "línguas". As comunidades linguísticas não são homogêneas; no mesmo momento, na mesma comunidade, coexistem diversos sistemas. Em Curitiba, a maioria dos falantes opta /R/ a /r/ (carro e caro), mas há um número não desprezível de descendentes de imigrantes que não conhecem essa oposição e, portanto, têm uma unidade a menos em seu sistema. Sendo estritamente saussuriano: seu sistema é outro porque tem uma unidade a menos. É grande o número de jovens que não têm o fonema /h/, de modo que confundem na pronúncia *juho* e *jího*. Só a combinação desses dois pontos de variação já produz quatro sistemas diferentes. Quantos seriam os sistemas se se considerasse todo o tecido linguístico?

No limite, pode-se até conceber que cada falante tem um sistema ou até mais de um, em alternância segundo a situação de fala. A profusão de sistemas significaria que a sociedade vive numa espécie de Babel construída no interior de uma mesma tradição idiomática? Não parece que essa multiplicidade, se de fato existir, signifique que a intercompreensão esteja comprometida, visto que as diferenças entre os sistemas seriam não apenas pequenas mas ainda se colocariam em correspondência. Quando conversam dois falantes que divergem quanto à oposição /R/ : /r/, o que faz a distinção opera uma espécie de transcodificação do /r/ do interlocutor, que fará corresponder ora a /R/, ora a /R/, segundo o contexto.

A variação linguística representa uma dificuldade para o conceito de sistema ainda por outro ângulo. O sistema opera apenas com características distintivas, deixando o falante em princípio livre para adicionar outras características. Pensemos o caso do fonema /a/: o simples fato de ser central, isto é, pronunciado com a língua em estado de repouso, opõe suficientemente esta vogal contra todas as demais. Portanto, basta que o falante pronuncie uma vogal como central para que ela valha /a/, independentemente de outras características. Ora, há um sem número de sons vogais centrais, uns muito diferentes auditivamente dos outros. No entanto, os falantes não se mostram descontrariados na escolha dos sons com que realizam o fonema /a/. Ao contrário, acusam fonte padronização mesmo ali onde o sistema deixa ampla margem de liberdade. Embora não seja obrigatório pelo sistema, os falantes sempre atualizam esse fonema por uma vogal central pronunciada com a grande abertura bucal e com os lábios distendidos. Por que os falantes não produzem intensa variação neste caso? É que a comunidade impõe escolhas na franja de liberdade concedida pelo sistema, as quais vêm formar o que se tem chamado *uso linguístico* ou *norma linguística*. Portanto, a língua não se esgota num sistema; ela compreende também uma norma.

Evidentemente, a pretendida dificuldade que coloca a noção de sistema pertence à metalinguagem do linguista, e não à linguagem natural dos falantes. A questão é saber se essa é uma noção adequada à descrição dos fatos. Logo já se tem como certo que ela é pelo menos insuficiente; de uma parte, como já vimos, ela não explica a forma normal de realização da língua; de outra, ela não esgota toda a estrutura da língua. O sistema de Saussure é o conjunto opositivo das unidades, e apenas isso. Mas a língua não é apenas um conjunto de unidades; é também um conjunto de regras de concatenação dessas unidades na constituição das frases. E esse componente sintático - chamemo-lo assim - ficou completamente silenciado na teoria linguística de Saussure. Ele só viria a ser trabalhado efetivamente pela Linguística Gerativa, que se estabeleceu a partir de uma nova revolução iniciada em fins dos anos 50, sob a liderança do linguista norte-americano Noam Chomsky.

## A Noção De Sistema Após Saussure

O conceito de sistema, que era bem conhecido dos alunos de Saussure tanto de Paris como de Genebra, foi incorporado pelos linguistas do Circulo Linguístico de Praga, os quais se notabilizaram pelo desenvolvimento da teoria dos sistemas fonológicos. Esses linguistas passaram a distinguir conceitualmente o sistema, como conjunto de unidades que se determinam reciprocamente, da organização dessas unidades no interior do sistema. A esta organização deram o nome de *estruturina*. Portanto, de cada sistema seria preciso analisar sua estrutura, razão pela qual se tornaria freqüente a expressão *estruturina do sistema* nos trabalhos do Circulo.

O termo *estruturina* surgiu nas teses que o Circulo Linguístico de Praga apresentou no primeiro Congresso de Filologia Eslovaca, realizado em 1929, em Praga. O termo será prontamente adotado por bom número de linguistas. Já em 1939 era fundada, em Copenhague, uma revista *Acta Linguistica*, que se apresentava com um *Revue Internationale de Linguistique Stricturnale*. Em 1944, essa revista passa a ser dirigida por Louis Hjelmslev, que assim definia a Linguística Estrutural:

Entende-se por *linguística estrutural* um conjunto de investigações baseada numa hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como uma entidade essencialmente autônoma de dependências mínimas ou, numa palavra, uma *estruturina*. A análise desta entidade permite separar constantemente as partes que se conectam reciprocamente, cada uma das quais depende certas outras e não seriam concebíveis nem definitivas sem essas outras partes. Ela reduz seu objeto a uma rede de dependências, ao considerar os fatos linguísticos como *função nas dos outros*. (Apud BENVENISTE 1971, p. 30)

Hjelmslev é considerado o grande herdeiro do legado saussuriano. Levou às últimas consequências a idéia de que a língua é apenas forma, produzindo uma linguística inteiramente independente das contingências das substâncias fônica e conceptual. A concepção de Hjelmslev reduz as unidades linguísticas a meras entidades relacionais, a que deu o nome de *relata*.

Outro linguista que se apresenta como continuador da obra saussuriana é o francês André Martinet, que, ao contrário de Hjelmslev, procurou manter o sistema da língua próximo da sua realização material. De acordo com Martinet, o sistema se organiza segundo uma

razão que deriva da desinação fundamental da língua, que é a da comunicação. Essa razão é, portanto, funcional e se rege por um princípio de economia.

Após a Segunda Guerra Mundial, o conceito de sistema ainda se mostraria fecundo na efetiva constituição da *Semiologia*, através dos trabalhos sobretudo de Roland Barthes e Luis J. Prieto. Mas em Linguística, o modelo parecia haver-se esgotado, abrindo espaço para uma novidade que viria dos Estados Unidos, cujo estruturalismo não tinha origens saussurianas. A novidade era a Linguística Gerativa, que abriu um novo capítulo na história da Linguística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Emile. "Estrutura" em linguística. In BASTIDE, Roger (org.). *Idéas e sentidos ao termo estrutura*. São Paulo: Horden, EDUSP, 1971. p. 23-31.
- CHILDER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DUCHROT, Oswald. *Estruturalismo e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- MOUNIN, Georges. *Introdução à linguística*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, (1970).
- \_\_\_\_\_. *Saussure: Présentation y textes*. Barcelona: Anagrama, (1971).
- SALUSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, (1972).
- \_\_\_\_\_. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1978. Edition critique préparée par Tullio de Mauro.

## Skinner: Pensando

### A Liberdade

Paula Inez Cunha Gomide

*Biografia Raízes filosóficas do pensamento de Skinner. A natureza dos eventos subjetivos: o mundo sob a pele. Liberdade e Dignidade: o problema do controle. Visão Skinneriana de Homens.*

### Biografia

Burrhus Frederic Skinner, nasceu em 20 de Março de 1904, em Susquehanna, uma pequena cidade do nordeste do Estado da Pensilvânia, USA e morreu em 18 de agosto de 1990, com 86 anos de idade, nos Estados Unidos da América. Estudou psicologia em Harvard, onde doutorou-se, em 1931. Skinner foi atraído para a psicologia através dos trabalhos sobre reflexo condicionado do fisiólogo russo Ivan Pavlov, dos artigos sobre Behaviorismo de Berrande Russel e das idéias de John Wátsom, o fundador do Behaviorismo. Lecionou nas Universidades de Minnesota (1937-39), de Indiana (1945-46) e de Harvard (1948-90).

Como professor, pesquisador e escritor Skinner influenciou uma geração de psicólogos. Teve uma das carreiras mais notáveis dentre os estudiosos da Psicologia. Demonstrou uma vasta gama de interesse e